

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ACERCA DA PRESENÇA DE "PURPURA HAEMASTOMA" E "PURPURA LAPILLUS" LINNÉ NAS ESTAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS PORTUGUESAS.

FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1958 | Número: 68

Como citar este documento:

FERREIRA, O. da Veiga, Acerca da presença de "Purpura haemastoma" e "Purpura lapillus" Linné nas estações pré-históricas portuguesas. *Revista de Guimarães*, 68 (3-4) Jul.-Dez. 1958, p. 377-382.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Acerca da presença de «*Purpura haemastoma*» e «*Purpura lapillus*» Linné nas estações pré-históricas portuguesas

Desde a minha entrada para os Serviços Geológicos de Portugal, onde comecei a familiarizar-me com a paleontologia, sobretudo do Terciário e do Quaternário, que me chamou a atenção a presença de conchas de *Purpura haemastoma* Linné, e *Purpura lapillus* Linné, nas estações pré-históricas, proto-históricas e romanas. De início, considerei estes moluscos marinhos como um subsídio importante da alimentação desses povos antigos, mas estudando melhor a questão e sobretudo esta espécie particular de moluscos, cheguei à conclusão de que deveriam ter sido empregados com outro fim, inteiramente diferente do alimentício.

Consultando várias obras sobre tinturaria primitiva verifiquei que os povos antigos empregavam certas espécies de moluscos para lhes extrair um produto purpúreo com o qual tingiam, em vários tons, os tecidos dessa época, de entre os quais o linho era o mais abundante.

Desde Aristóteles e Plínio que se fala na púrpura, tinta cara e rara, com que, já em tempos remotos, os antigos tingiam as suas vestes; essas vagas observações caíram porém no esquecimento, tendo chegado a escrever-se que o molusco ou moluscos dos quais os fenícios, os assírios, os egípcios e outros povos retiravam a púrpura, nunca tinham sido descobertos, nem se sabia ao certo qual seria essa espécie zoológica, até que o inglês William Cole ao fazer observações em 1684 na costa irlandesa penetrou pela primeira vez desde a Antiguidade no segredo da púrpura. Mais tarde, Réaumur, em 1711, estuda as secreções do molusco da púrpura e, em 1736,

Duhamel encontra o segredo da velha púrpura, tornando-a inalterável pela exposição adequada à luz solar. Finalmente, depois dos trabalhos do sábio francês Henri de Lacaze-Duthiers, todos os segredos sobre a fabricação da púrpura antiga foram desvendados. Os moluscos purpúreos ou purpurídeos pertencem à família *Muricidae* Tryon. São carnívoros e vivem sobretudo nos mares temperados. Existem várias espécies, sendo a mais abundante a *Purpura haemastoma* Linné, com amplo *habitat*, quer no Mediterrâneo, quer no Atlântico, sobretudo, nas zonas mais temperadas. Nas costas do Norte de África é particularmente abundante. Apresenta uma abertura avermelhada com as espiras da concha ligeiramente salientes. As características da espécie, segundo Augusto Nobre, são: concha ovalar-acumiada, muito sólida; espira com seis voltas, com cordões nodulosos, uns mais que outros, três na última volta que é grande, e um na base da segunda volta, muito noduloso; estrias numerosas entre os cordões; abertura oval alongada, com seio superior e canal curto aberto na base; lábio simples com numerosas pregas interiores; columela ligeiramente arqueada, calosa e com uma prega superiormente, que limita o seio; cor castanha acinzentada, atravessada por linhas acastanhadas; interior da abertura cor de laranja ou róseo sanguíneo; opérculo córneo; compr. 50-70^{mm}, larg. 40-45^{mm}.

A sua distribuição geográfica é grande. Em Portugal encontra-se desde a praia de Âncora, no Minho, até o Algarve. É conhecida também no Mediterrâneo, África Ocidental, Madeira, Açores, Norte de Espanha e Sul de França.

Outra espécie também conhecida como empregada na tinturaria é a *Purpura lapillus* Linné, utilizada desde os tempos antigos, sobretudo nas costas da Bretanha. As espécies *Purpura patula* e *Purpura persica* são conhecidas nas costas da América Central e no Equador, e foram utilizadas desde longas eras pelos índios habitantes dessas regiões, com os mesmos fins de tinturaria.

Parece-nos, pois, que o aparecimento nas nossas estações pré-históricas destes moluscos deverá de-

monstrar terem sido empregados nesses tempos para deles se extrair a célebre tinta púrpura, que mais tarde constituiria uma das riquezas do comércio fenício, em plena Idade do Ferro, ou mesmo ainda na Idade do Bronze, e não como alimento, segundo tem sido aceite até agora, pelo menos entre nós.

Se, pelos estudos acerca da arqueologia e da história dos povos primitivos, tem sido considerado o povo fenício como aquele que mais utilizou a púrpura, na Antiguidade, nada impede admitir que outros povos antigos, como os da Península Ibérica, que tanta coisa descobriram anteriormente aos fenícios, quer no domínio mineiro, no metalúrgico, ou no da tecelagem, a tivessem já encontrado. E note-se que a *Purpura haemastoma* e a *Purpura lapillus* eram particularmente abundantes nas nossas costas, pois os próprios fenícios e outros povos mediterrâneos viam-se obrigados a juntar à *Purpura haemastoma*, para compensar a sua escassês, outros moluscos como o *Murex brandaris*, o *Murex trunculus* e, por vezes, o *Murex erinaceus*, espécies estas que, segundo se crê, produzem menor secreção e de qualidade inferior. Nas nossas estações pré-históricas a presença de indivíduos do género *Murex* Linné, é rara.

Outra circunstância favorável ao nosso ponto de vista foi a descoberta em Creta de indícios que permitem afirmar serem os cretenses, já em 1600 a C., detentores do segredo do fabrico da púrpura. Isto é de grande importância para a nossa hipótese, pois são conhecidas, pelas escavações arqueológicas realizadas em Portugal e em Espanha, as relações e intercâmbios comerciais da Península com aquele e outros povos mediterrâneos já por volta do séc. XVIII a. C.

Lógicamente depreende-se que deveria ter-se passado o seguinte: os povos cretenses e outros começaram muito cedo a demandar as regiões ocidentais, em busca do cobre e do ouro que aplicavam à sua indústria e com que ornamentavam seus palácios, como as escavações arqueológicas modernas amplamente o têm demonstrado. Nessa época, ainda os fenícios não tinham estabelecido qualquer das suas feitorias do Mediterrâneo ocidental, nem sequer conhecidos eram como um povo importante. Porém,

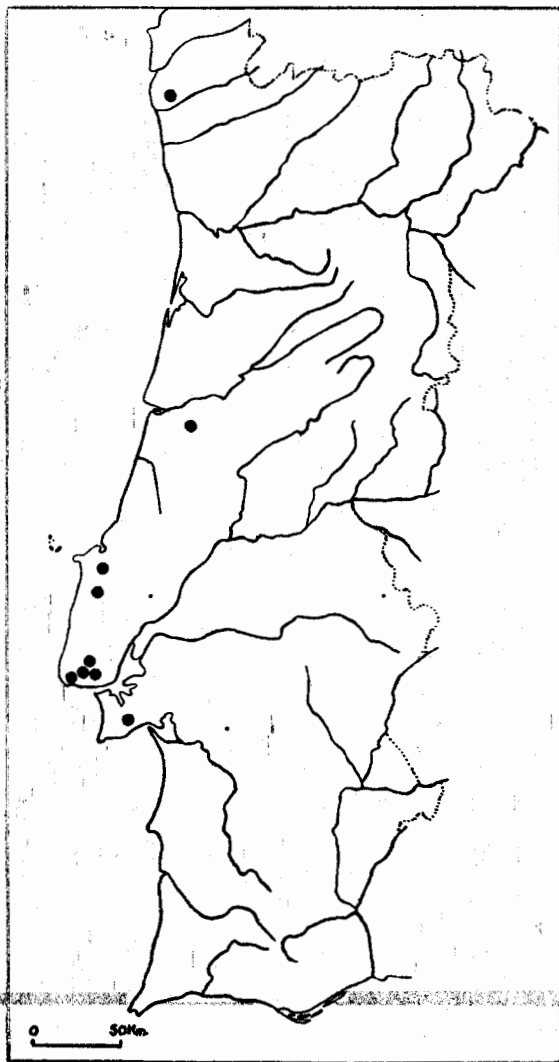
já por meados do séc. XIV a. C. se crê terem os fenícios montado o seu comércio da púrpura, o que significa que, já então, deveriam ter estabelecido contacto com os cretenses e com os povos da Península Ibérica, detentores, por certo, do segredo do fabrico da púrpura.

Se esta hipótese é admissível, então tudo leva a crer que à volta de 2500-2200 a. C. já os povos das culturas costeiras, como a de Almeria, de Alcalar e os da cultura do vaso campaniforme, das embocaduras do Sado, do Tejo e do Mondego, se vestiam com panos de linho tintos a púrpura. O linho tinham-no eles com certeza; e a púrpura, a julgar pelos restos de *Purpura haemastoma* e *Purpura lapillus* encontrados, também era já do seu conhecimento e utilização.

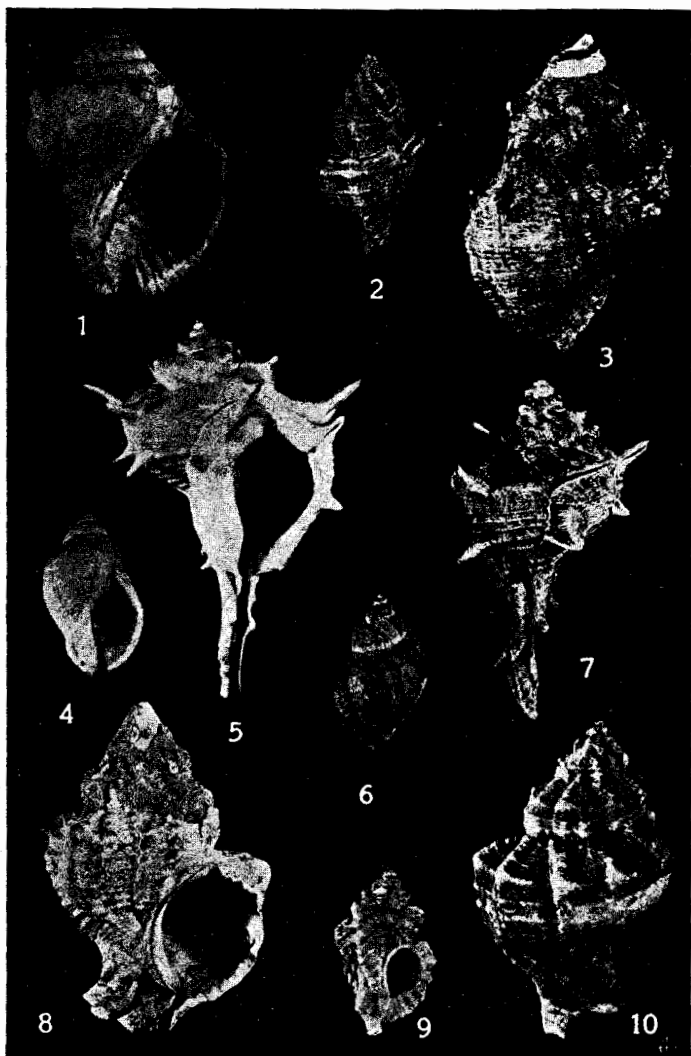
Damos a seguir uma pequena lista das estações pré-históricas portuguesas onde conseguimos identificar estas duas espécies de *Purpura*:

Gruta de Porto Covo, Gruta da Casa da Moura, Grutas de Cascais, Castro de Liceia, Estação do Forno da Cal (Soure), Povoado eneolítico da Parede, Mamoia de Carreço (só *Purpura lapillus*), Castro da Fonte de Rotura (nesta estação foram encontrados também *Murex brandaris* e *Murex trunculus*) e Gruta da Casa da Moura (Torres Vedras). É evidente que noutras estações conhecidas deve ter aparecido também o molusco da *Purpura*, mas por vezes nas antigas escavações não se recolhia tudo quanto aparecia, como já tenho tido ocasião de verificar. Outra circunstância que pode ter influído para o não aparecimento de conchas ou quaisquer outros restos calcários em determinadas estações arqueológicas, reside na acidez do terreno onde tais estações tinham sido implantadas (1).

(1) Em meados do ano de 1957 fiz, a convite, na Casa do Algarve, uma conferência sobre *A Arqueologia pré-histórica do Algarve*. Quando falei de Monchique, referi-me ao estado ácido do terreno para justificar o não aparecimento de peças calcárias nos túmulos eneolíticos da região. Alguém que assistira à conferência levou sobre esta minha afirmativa uma interpretação errada até à Faculdade de Ciências de Lisboa, onde algumas pessoas começaram a fazer espírito com o que



Esboço provisório da distribuição das estações pré-históricas portuguesas onde se encontrou o molusco da púrpura.



Moluscos productores de púrpura.

- 1 e 3 — «Púrpura haemastoma» Linné.
 2 e 9 — «Murex erinaceus» Linné.
 4 e 6 — «Púrpura lapillus» Linné.
 5 e 7 — «Murex brandaris» Linné.
 8 e 10 — «Murex trunculus» Linné.

Pelo croquis junto, da distribuição dos moluscos da púrpura nas estações pré-históricas portuguesas, se vê que é nas estações arqueológicas do litoral, ou perto delas, onde a *Purpura haemastoma* e a *Purpura lapillus* aparecem, como aliás é lógico, devido à proximidade do mar. Os povos do interior deveriam adquiri-la dos do litoral; de resto, a púrpura, nesses recuados tempos, só deveria utilizar aos notáveis e aos chefes, pois, muito mais tarde já, durante o Império romano, ou mesmo em plena Idade Média, só aos imperadores ou aos grandes senhores era permitido o luxo de vestuários purpurinos.

Ocorreu-nos apresentar este curioso problema, pois, como sucede com muitos dos assuntos da nossa pré-história, são por vezes estes pequenos pormenores que nos ajudam a resolver muitas questões de inegável importância. A ciência pré-histórica não pode confinar-se hoje apenas na identificação e recolha de antigalhas destinadas aos Museus, mas sim, procurar interpretar, na medida do possível, como viviam esses nossos longínquos antepassados, cujos segredos da sua existência tantas vezes nos deixam admirados e confundidos. Está neste caso a *purpura*, tão rara e tão cara, tirada de insignificantes moluscos, processo de extracção dessa tinta que não passou despercebido dos antigos escritores, e constituía matéria prima utilizada para luxo e magnificência dos chefes e poderosos da terra.

Agradecemos aos bons amigos e companheiros nas lides arqueológicas, Srs. Maxime Vaultier e Tenente-Coronel Afonso do Paço, todas as informações que nos prestaram e muito nos auxiliaram na elaboração desta pequena nota.

supostamente eu teria dito. A versão levada por aquela pessoa era que eu havia afirmado «serem ácidos os sienitos de Monchique»! Ora, para repor a verdade, aproveito o ensejo que aqui se me oferece de esclarecer o assunto: eu não disse que as rochas eram ácidas, mas sim que o terreno o era. Evidentemente que uma coisa é independente da outra.

BIBLIOGRAFIA

- DAREMBERG & SAGLIO — *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*. T. IV, 1907. Paris.
- DUBOIS, R. — «La pourpre, insigne du pouvoir suprême provient d'un vulgaire molusque». *La Science et la Vie*. Paris, 1921.
- FELDBAUS, F. M. — *Die Technik der Vorzeit der geschichtlichenzeit und der Naturvölker*. Leipzig e Berlim, 1914.
- JALHAY, E. — «O Castro eneolítico de Vila Nova de S. Pedro e as suas relações com o Norte Africano e Mediterrâneo Oriental». *Assoc. Progr. Ciências*, T. VIII, Porto, 1943.
- LACAZE-DUTHIERS, H. DE — «Mémoire sur la pourpre» *Annales des Sciences naturelles, 4^{me} Série — Zoologie*, T. XII, Paris, 1859
- LUCAS, A. — *Ancient Egyptian materials and Industries*, 2.^o Ed. Londres, 1934.
- NOBRE, A. — *Moluscos marinhos e das águas salóbras. Fauna malacológica de Portugal*. Porto, 1938-40.
- PAÇO, A. DO — «As grutas do Poço Velho ou de Cascais». *Com. dos Serv. Geol. de Portugal*, T. XXII, Lisboa, 1942.
- PAÇO, A. DO E VAULTIER, M. — «A gruta de Porto Covo». *Assoc. Progr. Ciências*, Porto, 1943.
- PAÇO, A. DO, CUNHA SERRÃO, e PRESCOTT VICENTE, E. — «Estação eneolítica da Parêde (Cascais). *Com. ao Cong. Luso — Esp. Progr. Ciências*, Coimbra, 1956.
- PAÇO, A. DO — *Da antiguidade da indústria de conservas de peixe em Portugal — Subsídios para a sua história*. (Estudo ainda inédito apresentado ao Instituto Português de Conservas de Peixe), 1957.
- SAEZ MARTIN, B. — «Nuevos precedentes chipriotas de los ídolos placas de la cultura lbero-sahariana». *Actas y Mem. de la Soc. Esp. de Antrop., Etnograf. y Preh.*, Madrid, 1494.
- SANTOS ROCHA, A. DOS — *Memórias e explorações arqueológicas*, vol. I, Coimbra, 1949.
- VIANA, ABEL, FORMOSINHO, J. E VEIGA FERREIRA — «Duas raridades arqueológicas». *Rev. Sind. Eng. aux. Ag. Tec. Eng.^a...*, n.º 24, Lisboa, 1948.
- VEIGA FERREIRA, O. DA — «Os artefactos pré-históricos de calite e sua distribuição em Portugal». *Arqueologia e História*, vol. V, Lisboa, 1954.
- WOLFGANG BORN — «La pourpre». *Les Cahiers Ciba*, n.º 5, vol. I, Bâle, 1946.